

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT01.009

APRENDIZAGEM: UMA IMERSÃO SOBRE O MOVIMENTO DO APRENDER

Elaine Kezia Souza dos Santos¹
Josineide Teotonia²

RESUMO

Desde o início da civilização que o ser humano busca em seu modo de viver, aprender com as situações do cotidiano para facilitar a sua vida. É percebido que desde o nascimento, quando a criança aprende a chorar e a sua mãe desenvolve o acolhimento, dando soluções que possam melhorar a sua condição momentânea, é dado início às percepções de como é possível se manifestar para gerar ações que ajudem a compreender e lidar com os desafios do próprio cotidiano. Embora seja este um simples exemplo, na vida, existem os desafios que sempre geram alguma aprendizagem e para entender melhor sobre o universo da aprendizagem é necessário buscar na gênese, o significado da palavra. Para isso, torna-se imprescindível questionar: Como se aprende? Com quem se aprende? Para quem se aprende? Como utilizar o que foi aprendido? E como saber se aprendeu? Para o desenvolvimento deste estudo, foi necessário embasar a pesquisa em autores que corroboram com a formação do pensamento sobre a aprendizagem, tais como: professores, Ausubel (2000), Bruner (1973c), Freinet (1975), Piaget (1971), Vigotsky (1988), Paulo Freire (1996), Edgar Morin (1990), entre outros. Neste sentido, partindo das indagações, tem-se a necessidade de investigar e responder o que parece uma questão simplória, porém, implica em buscar respostas que são repetidamente realizadas no

1 Mestranda em Ciências da Educação (UNADES-PY); Especialista em Língua Portuguesa; (UPE); Especialista Educação Especial e Inclusiva (UNINABUCO); Graduada em Letras (UPE). eklaine97@yahoo.com.br

2 Doutora em Ciências da Educação; Doutora em Educação; Mestre em Ciências da Educação; Especialista em Neuropsicopedagogia; Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Especialista em Formação de Professores da Educação Básica; Especialista em Neuropsicopedagogia; Especialista em Autismo; Especialista em Análise do Comportamento Aplicada (ABA); Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia. Josi_teo@hotmail.com .

processo de aprender, tanto na educação discente, quanto no processo de formação na educação docente.

Palavras-chave: Aprender. Aprendizagem. Processo de Aprendizagem. Aprendizagem Significativa. Formação Docente.

INTRODUÇÃO

Com as mudanças ocorridas na sociedade, onde os papéis são reorganizados, é difícil acompanhar o processo de aprendizagem. Nesta perspectiva, a presente pesquisa tem fundamentação em bibliografias e estudos acadêmicos já realizados, e justifica-se pela necessidade ampliar o conhecimento sobre o processo de aprendizagem, para isso, torna-se imprescindível compreender: *Como se aprende? Com quem se aprende? Para quem se aprende? Como utilizar o que foi aprendido? E como saber se aprendeu?* Mesmo sendo um assunto muito dialogado, sempre deixa interrogações sobre o uso de metodologias, teorias, concepções, comportamentos e outras variantes que podem facilitar ou dificultar o aprender. De acordo com o dicionário, Bechara (2011, p. 283), diz que: **Aprender** (a.pren.der) [ê] **v. int. td. tr. 1** *Adquirir conhecimento (de), por meio de estudo, destreza, prática, etc. [...]* **2** *Atingir o sentido de (algo); entender: [Conjug. 2 aprender] [Do lat. apren.dere.]. (grifos para este estudo).* Com a definição citada acima, é possível assim dizer de maneira ampliada que, aprender é uma condição humana, que antropologicamente vem se desenvolvendo com situações que permitam refletir diversas situações, aprender com elas e desenvolver outros questionamentos e adquirir outras aprendizagens. Neste contexto, a aprendizagem se faz através de situações múltiplas e diversas, sempre em movimento. Sua dinâmica se liga ao universo cultural dos sujeitos, em relação às exigências do tempo histórico que ordena a vida social em contexto. Sabe-se que, a preocupação com a educação sempre esteve presente e para maior compreensão, é preciso discorrer sobre as questões que envolvem o aprender e a aprendizagem, nos capítulos a seguir.

1 COMPREENDENDO O APRENDER E A APRENDIZAGEM

Aprender trata-se de um processo fundamental na vida de qualquer indivíduo e requer a aquisição de conhecimento, habilidade e competência por meio de estudo, experiências e práticas. É um processo contínuo e dinâmico, que ocorre ao longo de toda vida, variando de nível, grau e relevância. **Aprender é um processo ativo.** Para melhor compreender a aprendizagem, foi elencado o quadro abaixo sobre algumas teorias:

Características de algumas das principais teorias de aprendizagem:

Teorias de Aprendizagem	Características
Epistemologia Genética de Piaget	Ponto central: estrutura cognitiva do sujeito. As estruturas cognitivas mudam através dos processos de adaptação: assimilação e acomodação. A assimilação envolve a interpretação de eventos em termos de estruturas cognitivas existentes, enquanto que a acomodação se refere à mudança da estrutura cognitiva para compreender o meio. Níveis diferentes de desenvolvimento cognitivo.
Teoria Construtivista de Bruner	O aprendizado é um processo ativo, baseado em seus conhecimentos prévios e os que estão sendo estudados. O aprendiz filtra e transforma a nova informação, infere hipóteses e toma decisões. Aprendiz é participante ativo no processo de aquisição de conhecimento. Instrução relacionada a contextos e experiências pessoais.
Teoria Sócio-Cultural de Vygotsky	Desenvolvimento cognitivo é limitado a um determinado potencial para cada intervalo de idade (ZPD); o indivíduo deve estar inserido em um grupo social e aprende o que seu grupo produz; o conhecimento surge primeiro no grupo, para só depois ser interiorizado. A aprendizagem ocorre no relacionamento do aluno com o professor e com outros alunos.
Aprendizagem baseada em Problemas/ Instrução ancorada (John Bransford & the CTGV)	Aprendizagem se inicia com um problema a ser resolvido. Aprendizado baseado em tecnologia. As atividades de aprendizado e ensino devem ser criadas em torno de uma "âncora", que deve ser algum tipo de estudo de um caso ou uma situação envolvendo um problema.
Teoria da Flexibilidade Cognitiva (R. Spiro, P. Feltovitch & R. Coulson)	Trata da transferência do conhecimento e das habilidades. É especialmente formulada para dar suporte ao uso da tecnologia interativa. As atividades de aprendizado precisam fornecer diferentes representações de conteúdo.
Aprendizado Situado (J. Lave)	Aprendizagem ocorre em função da atividade, contexto e cultura e ambiente social na qual está inserida. O aprendizado é fortemente relacionado com a prática e não pode ser dissociado dela.
Gestaltismo	Enfatiza a percepção ao invés da resposta. A resposta é considerada como o sinal de que a aprendizagem ocorreu e não como parte integral do processo. Não enfatiza a sequencia estímulo-resposta, mas o contexto ou campo no qual o estímulo ocorre e o insight tem origem, quando a relação entre estímulo e o campo é percebida pelo aprendiz.
Teoria da Inclusão (D. Ausubel)	O fator mais importante de aprendizagem é o que o aluno já sabe. Para ocorrer a aprendizagem, conceitos relevantes e inclusivos devem estar claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo. A aprendizagem ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes preexistentes.

Teorias de Aprendizagem	Características
Aprendizado Experimental (C. Rogers)	Deve-se buscar sempre o aprendizado experimental, pois as pessoas aprendem melhor aquilo que é necessário. O interesse e a motivação são essenciais para o aprendizado bem sucedido. Enfatiza a importância do aspecto interacional do aprendizado. O professor e o aluno aparecem como os corresponsáveis pela aprendizagem.
Inteligências múltiplas (Gardner)	No processo de ensino, deve-se procurar identificar as inteligências mais marcantes em cada aprendiz e tentar explorá-las para atingir o objetivo final, que é o aprendizado de determinado conteúdo.

Fonte: http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/t_2002/t_2002_renato_aposo_e_francine_vaz/teorias.htm

Compreender o conceito de aprender é muito importante, porque considera a capacidade de guardar as informações e utilizá-las novamente mais tarde. Pode-se dizer que, *Aprender é compreender informações adquiridas de diversas maneiras, e transformar este conhecimento em ação para resolver situações que possam surgir no cotidiano. Mesmo que aprendamos algo relativamente rápido, ainda é um processo de várias etapas. Para aprender, deve-se encontrar novas informações, coordená-las com o que já sabemos, armazená-las em nossa memória e aplicá-las em nosso dia a dia.*

Para dar direção à exploração, em resumo, o objetivo da tarefa precisa ser conhecido, com alguma aproximação, e a verificação das alternativas deverá sempre informar a posição com referência ao referido objetivo. **Mas resumidamente ainda, a direção se apoia no conhecimento dos resultados das experiências de alguém, e a instrução deve mostrar-se superior à aprendizagem “espontânea”, ao garantir e maior grau tal conhecimento.** (BRUNER, 1973, p. 51, grifos para esse estudo).

O autor citado, traz a reflexão da importância da relação entre os pares para o desenvolvimento do aprender e da necessidade de haver vínculo com o que está sendo aprendido e com quem se pode aprender. Sendo este alguém com uma aprendizagem com um grau mais avançado de instrução, para Moreira (1999, p. 83), o aprender acontece quando há a *representação ativa*, que se trata do “momento em que o trabalho mental da criança consiste principalmente em estabelecer relações entre a experiência e a ação”. Isto é, quando a criança está envolvida com o que está aprendendo e com o que já sabe, movimentando

situações que fortaleçam o desenvolvimento de novas construções de conhecimento, corroborando para que o processo de aprender flua com mais facilidade.

Para Piaget (1975, p. 72), é preciso movimentar os fatores que contribuem para o aprender, necessita “deslocá-los, ligá-los, combiná-los, dissociá-los e reuni-los novamente”. Jean Piaget organizou em quatro períodos o desenvolvimento cognitivo, que estão ligados ao modo em que cada indivíduo aprende, de acordo com a sua estrutura cognitiva definindo cada estágio da seguinte maneira:

- a) **Sensório-motor:** O desenvolvimento da criança desde o nascimento até os dois anos de idade não há uma diferenciação entre o seu corpo e o que lhe rodeia. A criança responde aos estímulos do ambiente através dos sentidos.
- b) **Pré-operatório:** A iniciação ocorre entre os dois anos de idade e os sete anos, aproximadamente. É nesse período de desenvolvimento da linguagem e de ações mais articuladas. É importante salientar que a atenção da criança está direcionada para objetos que a atraem, desenvolvendo a capacidade de conceber esquemas simbólicos. Nesta fase a criança é egocêntrica, o mundo gira em torno dela e para ela, por não possuir habilidades para diálogos se irrita com facilidade e quando contrariada. Outra característica que aparece no egocentrismo é quando ela faz uma confusão do real com o imaginário, não tendo certeza das coisas que irão acontecer gerando confusão referente aos fatos. A maneira de pensar da criança neste período é parado e verdadeiro, pois seu foco está no que é real, concreto, no objeto e não no que ele se transforma.
- c) **Operatório-concreto:** ocorre uma descentralização gradual do sujeito, podendo iniciar-se a partir dos sete anos até os aproximadamente 11 anos de idade. Há o aumento do pensamento lógico, caracterizado por operações reversíveis. Agora saindo do pensamento egocêntrico para a estruturação da razão. A criança começa a questionar fatos, instigando, formando uma estrutura e operando de forma evolutiva o raciocínio efetivo com a realidade, de forma mais rápida com a capacidade de organizar o pensamento com maturidade e com o estímulo recebido.

- d) **Operatório formal:** dos 11 anos em diante. Sua principal característica é o raciocínio em conjunto de hipóteses verbais em que o sujeito é capaz de operar construtos mentais e raciocínio matemático. (PIAGET, 1977; MOREIRA, 2009, PANTONI; ZORZI, 2009).

Sabe-se que a aprendizagem é um processo contínuo, que leva à aquisição de conhecimento por meio do processo de reconstrução de novos conhecimentos através da interação. Em que o ato de aprender é um processo que acompanha o ser humano desde o nascimento. A aprendizagem sempre está associada ao desenvolvimento humano, sendo importante ressaltar também que, mesmo em uma sala de aula com estudantes da mesma idade/série/ciclo (dentre outras formas de agrupamentos realizados na escola), o aprendizado acontece de formas e velocidades diferentes.

Isso ocorre porque cada um tem sua vontade de aprender, por isso muitos especialistas aprimoraram sua visão e reorientaram seus planos e métodos para ajudar os aprendentes a adquirir conhecimentos. Sobre os fatores de que depende a aprendizagem Scoz (1996), se refere:

A aprendizagem depende: da articulação de fatores internos e externos ao sujeito (os internos referem-se ao funcionamento do corpo como um instrumento responsável pelos automatismos, coordenações e articulações); do organismo: a infra-estrutura que leva o indivíduo a registrar, gravar, reconhecer tudo que o cerca através dos sistemas sensoriais, permitindo regular o funcionamento total; do desejo; entendido como o que se refere às estruturas inconscientes, representa o motor da aprendizagem e deve ser trabalhada a partir da relação que com ela estabelece; das estruturas cognitivas, representando aquilo que está na base da inteligência, *considerando-se os níveis de pensamento propostos por Piaget, da dinâmica do comportamento, que diz respeito à realidade que o cerca. Os fatores externos são aqueles que dependem das condições do meio que circunda o indivíduo.* (SCOZ, 1996, p. 29 e 30, grifos para esse estudo).

Assim, pode-se afirmar que os estudos propostos, servem como base para referência, mas, que jamais pode ser utilizado como um padrão de aprendizagem ou comportamento. Aprender está para além de estereótipos, de padronização, é um mergulho profundo em cada indivíduo e sobre descobertas de como cada um aprende. Portanto, faz-se necessário conhecer mais sobre o universo da *aprendizagem*.

1.1 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Algumas teorias enfatizam a importância da aprendizagem de maneiras distintas. De acordo com o ponto de vista behaviorista, é entendido como um processo mecânico no qual os comportamentos expressos são adquiridos através da interação entre estímulos e respostas, resultando em uma participação relativamente passiva do sujeito envolvido. Por outro lado, para os cognitivistas a aprendizagem é concebida como um processo dinâmico que implica mudanças constantes na forma como as informações são processadas e codificadas pelo indivíduo dentro de seus contextos específicos.

Por sua vez, abordagens humanistas consideram fundamentalmente o caráter único e pessoal do sujeito individual enquanto se desenvolve ao longo de suas experiências únicas. Assim sendo, a aprendizagem pode ser espontânea na medida em que os próprios encarregados deste conhecimento exercem papel ativo nestas direções. Independentemente destes diferentes pontos de vista, existentes sobre a temática exposta.

De acordo com a teoria behaviorista, a aprendizagem consiste na aquisição de novos comportamentos através do estímulo fornecido pelo meio-ambiente e das respostas emitidas pelos indivíduos frente às condições ambientais sob os quais se encontram inseridos. Esta perspectiva destaca a importância da colaboração entre escola e família no processo de aprendizagem, criando um ambiente estimulante, as duas instituições fundamentais na sociedade, que encorajam o progresso do estudante em superar desafios pessoais. Sobre isso, Piaget (2007, p. 50) ressalta que,

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50).

Para Vygotsky, 1984, p.87:

A educação (recebida na família, na escola, e na sociedade de um modo geral) cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educa-

ção são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola. (VYGOTSKY, 1984, p.87).

Entender que a família é responsável por auxiliar no crescimento do indivíduo, incentivando-o a conviver harmoniosamente na sociedade e desenvolver habilidades para facilitar sua interação em grupo, proporcionando atitudes que incluam o apoio moral, físico e emocional e contribua para o progresso do aprendiz. Logo após fornecer as primeiras informações, a família, pode inserir o estudante no ambiente escolar para dar continuidade ao que já foi aprendido em casa e consolidar a educação. "Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades[...]" (PIAGET,1972/2000, p.50).

Sabe-se que, a participação da família tem um papel crucial no sucesso ou fracasso acadêmico do estudante, não apenas na fase inicial, mas durante todo o seu processo de formação educacional. Para que assim, a escola possa desempenhar seu papel com maior fluidez, compreendendo o quão deve ser significativa a aprendizagem a ser desenvolvida no cenário escolar e colocado em prática o que foi aprendido.

Piaget (1971), diferenciou dois tipos de aprendizagem neste contexto: aprendizagem restrita através da experiência ao longo do tempo e aprendizagem ampliada combinando experiência com equilíbrio para facilitar a aquisição interna e organizada dos novos conhecimentos. Contudo, é fundamental que professores e demais educadores respeitem esse processo de aprendizagem, identificando e adaptando métodos que melhor atendam às necessidades individuais, permitindo que cada aluno mantenha sua singularidade mesmo dentro de um contexto coletivo.

Pois, a aprendizagem envolve transformações no conhecimento adquirido por meio de diversas experiências, incluindo o contato com objetos e sensações. Não se limita apenas ao desenvolvimento intelectual. Compreender o conhecimento prévio de um aluno é crucial para o desenvolvimento de projetos educacionais que esclareçam suas noções e ideias existentes. Como seres sociais e culturais, os estudantes expressam mudanças de comportamento e de linguagem influenciadas por aspectos ambientais emocionais, físicos, neurológicos, afetivos, cognitivos e relacionais. Compreender a aprendizagem requer explorar múltiplas fontes enquanto se considera todos esses fatores.

Pode-se observar que, a aprendizagem é um processo guiado que leva à conquista do conhecimento através da experiência e interação com novas informações. Percebe-se que, aprender faz parte da natureza humana, independentemente de ser sistematizado ou não, sendo benéfico para o desenvolvimento humano.

Também é importante ressaltar que mesmo em uma sala com alunos da mesma idade e série/ano, cada indivíduo tem seu ritmo e disposição para aprender. Por essa razão, vários profissionais precisam adaptar seus métodos ao educando individualmente. No contexto dos fatores responsáveis pela aprendizagem considerados, Scoz (1996), afirma que:

A aprendizagem depende: da articulação de fatores internos e externos ao sujeito (os internos referem-se ao funcionamento do corpo como um instrumento responsável pelos automatismos, coordenações e articulações); do organismo: a infraestrutura que leva o indivíduo a registrar, gravar, reconhecer tudo que o cerca através dos sistemas sensoriais, permitindo regular o funcionamento total; do desejo; entendido como o que se refere às estruturas inconscientes, representa o motor da aprendizagem e deve ser trabalhada a partir da relação que com ela estabelece; das estruturas cognitivas, representando aquilo que está na base da inteligência, considerando-se os níveis de pensamento propostos por Piaget, da dinâmica do comportamento, que diz respeito à realidade que o cerca. Os fatores externos são aqueles que dependem das condições do meio que circunda o indivíduo (SCOZ, 1996, p. 29 e 30).

Uma teoria de aprendizagem cognitiva foi desenvolvida por David Ausubel, que é implementada diariamente nas salas de aula. De acordo com a sua teoria, o conhecimento e os preconceitos existentes de um indivíduo são integrados na sua estrutura cognitiva para criar significado ao encontrar novas informações através da educação ou de experiências pessoais.

Moreira (1995, p. 61-73), explica que:

[...] aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto especificamente relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo, ou seja, este processo envolve a interação da nova informação com uma estrutura de conhecimento [...]. A aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes, pré-existentes na estrutura cognitiva do aprendiz. Ausubel vê o armazenamento de informações no cérebro humano como sendo organizado, formando uma hierarquia conceitual, na qual elementos mais específicos de conhecimento

são ligados (e assimilados) a conceitos mais gerais, mais inclusivos. Estrutura cognitiva significa, portanto, uma estrutura hierárquica de conceitos que são representações de experiências sensoriais do indivíduo.

Sendo assim, o ensino e a aprendizagem eficazes dependem da utilização de várias representações do professor e do estudante, bem como de materiais educacionais para obter o máximo impacto. Como tal, cabe aos professores identificar o conhecimento atual antes de introduzir novos tópicos, para que os conceitos aprendidos possam ser conectados com ideias mais amplas. De acordo com Ausubel, o funcionamento do cérebro humano envolve uma organização de informações específicas em conceitos generalizados e a criação de conexões entre noções familiares e o desconhecido. O autor citado acima, reforça que:

Contrastando com a aprendizagem significativa, Ausubel define aprendizagem mecânica (ou automática) como sendo a aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma interação com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Nesse caso, a nova informação é armazenada de maneira arbitrária. Não há interação entre a nova informação e aquela já armazenada. O conhecimento assim adquirido fica arbitrariamente distribuído na estrutura cognitiva, sem chegar-se a conceitos subsunçores específicos. (MOREIRA, 1995, p. 61-73).

Buscar um equilíbrio adequado entre a compreensão da memória e dos comportamentos comuns é crucial para ter sucesso em relacionamentos complexos. Embora seja desejável aprender continuamente, é vital revisar/refletir sobre as informações adquiridas para manter o controle de aspectos distintivos essenciais. Para que se possa evitar situações que dificultem o acesso a aprendizagem. Esse processo é fundamental para a construção da compreensão, tornando as interações mais relacionáveis e facilitando sua aplicação na vida cotidiana.

Segundo Ausubel, na aprendizagem por recepção, o que deve ser aprendido e apresentado ao aprendiz em sua forma final, enquanto que na aprendizagem por descoberta o conteúdo principal a ser aprendido deve ser descoberto pelo aprendiz. Entretanto, após a descoberta em si, a aprendizagem só é significativa se o conteúdo descoberto ligar-se a conceitos subsunçores relevantes, já existentes na estrutura cognitiva, ou seja, quer por recepção ou por descoberta, a aprendizagem é significativa, segundo a concepção ausubeliana, se a nova informação incorpora-se de forma não-arbitrária a estrutura cognitiva. (MOREIRA, 1995, p. 61-73).

A aprendizagem tem implicações em diversas dimensões, desde adquirir conhecimentos especializados até formar valores pessoais ao longo do tempo, proporcionando uma adaptação mental bem-sucedida independentemente da idade através da compreensão gradual dos conteúdos estudados.

2 DIFICULDADES EM APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem têm sido objeto constante de reflexão e geraram vários questionamentos por não serem simples de serem especificados, além de muitas vezes confundirem-se com deficiências, maus comportamentos ou outros benefícios sendo até mesmo ignorados. De acordo com Teotonia (2019, p. 35), atualmente há “cada vez mais alunos com dificuldades de aprender, de se relacionar, de conseguir resolver problemas, de desenvolver a criatividade, e com isso, não conseguem se adaptar ao dia a dia escolar”.

Essas dificuldades podem vir de vários fatores: pessoais, ambientais, emocionais, culturais e sociais. Isso não quer dizer que o estudante não seja capaz de aprender, todos são dotados de uma maneira própria de aprender e desenvolver seu aprendizado. Para isso, é muito importante os educadores estarem atentos para que possam perceber, o quanto antes, essas dificuldades que seu estudante venha apresentar e assim possa facilitar seu aprendizado, como também, sua atuação como mediador dos conhecimentos.

É imprescindível a parceria da escola, família e profissionais de terapias, possam da melhor forma possível, ajudar esse educando encontrar uma melhor forma de conduzi-lo ao aprendizado de acordo com a sua necessidade, respeitando seu tempo e traçando novos desafios para incentivar a buscar novas aprendizagens. E quanto mais cedo melhor, para que não venham consequências maiores e assim desenvolvam outras dificuldades, tais como: como baixa autoestima, frustração e desinteresse.

2.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A NECESSIDADE DA REFLEXÃO DA AÇÃO DOCENTE EM TORNO DAS DIFICULDADES EM APRENDIZAGEM.

As dificuldades de aprendizagem são multifacetadas e podem ser sintomáticas de uma variedade de fatores. Tem o potencial de impedir o sucesso escolar, tal como podem afetar qualquer outro aspecto da vida de um indivíduo.

Isso ocorre porque tanto o que é aprendido em ambientes acadêmicos quanto o que não é (como o conhecimento prévio), são socializados nas experiências gerais da pessoa. Assim, torna-se imperativo proporcionar maiores oportunidades às crianças que estão adquirindo conhecimentos para que suas vidas não fiquem para trás devido a esses obstáculos. E para desenvolver a aprendizagem, Teotonia (2019, p. 63), nos diz que:

O aprendente pode realizar pesquisa em dupla, em trio, em grupo ou até mesmo sozinho. A ideia é fomentar no educando o gosto por descobrir, por aprender a aprender, dando possibilidade para que conheça o melhor jeito que aprende e tendo a liberdade de ajudar o professor a compreender a maneira mais conveniente para a aquisição da aprendizagem. (grifos para essa pesquisa).

No entanto, é essencial que o docente demonstre flexibilidade, dinamismo e atenção às diferentes modalidades de ensino, já que existem inúmeras formas de aprendizagem. Além disso, a criação de um ambiente propício para superar as dificuldades na aprendizagem pode ser favorecida pela mudança do ambiente físico e pelo uso de novas ferramentas como forma de melhorar significativamente o processo educacional. De acordo com Weiss (2000, p.48):

Ajustes na sala de aula – atribuições de lugares especiais; tarefas escolares alternativas ou modificadas; procedimentos de avaliação/testes; equipamentos especiais – fonadores eletrônicos e dicionários, processadores de texto, calculadoras falantes, livros em fita, assistente de sala de aula, tomadores de nota, leitores, educação especial – horários prescritos em uma classe especial; colocação em classe para aprendizagem dos alunos [...].

No entanto, para lidar com uma criança que apresenta certas dificuldades de aprendizagem, é necessário que uma escola conte com profissionais especializados capazes de fornecer tratamento adequado. Contudo, em alguns benefícios poderá ser o próprio professor responsável por essa abordagem. Embora muitas vezes se deparem com materiais didáticos inadequados, a sala de aula trabalha para iniciar ações que promovam o desenvolvimento de habilidades em seus alunos.

Se o estudante não compreender a importância do aprendizado, acabará comemorando o fracasso ou até mesmo desistindo. A falta de preparo de alguns professores os impede de perceber como abordar determinados temas matemáticos e, infelizmente, muitos não facilitam o aprendizado dos aprendentes.

Este fator obviamente não é culpa deles, uma vez que foram educados dessa forma, mas devem ter a sensação de não se tornarem complacentes com esta situação. É importante a reflexão sobre o ensino ao ponderar sobre as responsabilidades e postura do educador, abordando os problemas que permeiam o estudo dentro e fora do ambiente escolar.

Algumas questões não têm soluções óbvias ou diretas, mas ao analisar uma análise pode ser cautelosa e consciente, um professor poderá definitivamente aprimorar sua prática profissional. E, tornando-se consciente do seu papel como educador, será mais fácil explorar quanto agir sobre os estudantes envolvidos. Teotonia (2019, p. 43):

Contudo é possível perceber que inovar não é algo fácil. Sair da educação castradora para dar espaço à prática da liberdade assusta o professor e ao aluno, mas a motivação de descobrir novos meios de aprendizagens e fazer da escola uma escola de pessoas autônomas é um desafio enorme, porém possível, além de necessário, dadas as contingências atuais.

Cada professor aborda sua disciplina de maneira única e essa perspectiva afeta as decisões tomadas na sala de aula. Isso inclui quais tópicos são considerados estratégicos, os temas que recebem mais ênfase ou até mesmo aqueles colocados para trás. Além disso, é crucial encontrar novas formas criativas de adaptar técnicas e metodologias aos estilos individuais dos alunos. Este desafio requer um esforço significativo para garantir que cada educando seja atendido da melhor maneira possível.

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (FREIRE, 1996, p. 35).

Por isso que, apesar das dificuldades na aprendizagem, o estudante é capaz de aprender no seu próprio ritmo e à sua maneira. O professor deve levar em conta esses diagnósticos e adaptar sua metodologia para garantir que esse aluno tenha maior sucesso e neste processo o diálogo é de suma importância para conhecer, criar vínculos, propiciar laços que possam favorecer o respeito mútuo e a admiração pelo ser que aprende, o ser que ensina, e também, aprende ensinando.

Alicia Fernandez (1994), afirma que a criança pode não ter um problema de aprendizagem, mas nós como docentes, podemos ter um problema de ensino. Propondo que nenhum estudante é incapaz, que apenas aprende à sua maneira, ao seu tempo, ao seu modo, em uma relação respeitosa e ética. Nesse sentido, Scoz (1994, p. 22) diz que:

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. **É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade.** (grifos para essa pesquisa).

Ao perceber que a aprendizagem exige certas condições para o estudante, fica evidente que a maneira como ela é abordada e desenvolvida afeta consideravelmente seu resultado em relação ao processo de ensino. Segundo Freinet (2002, p.14), “A interação entre o mestre e o estudante é essencial para a aprendizagem, e o mestre consegue essa sintonia, levando em consideração o conhecimento das crianças, fruto de seu meio”. Portanto, quando uma criança começa a sentir dificuldades em seu aprendizado, é um indício de que algo está errado. Requer uma investigação mais aprofundada sobre o assunto. Indicações como falta de motivação, repetição de erros, dificuldade de concentração e inquietação precisam ser observadas e avaliadas.

As origens das dificuldades de aprendizagem podem variar consideravelmente, desde transtornos como déficit de atenção ou hiperatividade até uma simples alergia. Independentemente da causa, essa situação pode levar a criança a sofrer com falta de atenção. O papel do professor, do coordenador, psicopedagogo, da equipe educacional, bem como dos pais, é fundamental para lidar de forma assertiva e proativa diante dessas dificuldades.

Quando realizado precocemente e de maneira exata, o diagnóstico possibilita que uma criança supere seus desafios, traumas e problemas. Além disso, tal procedimento permite que ela se envolva no processo de aprendizagem com vontade e adquira conhecimentos mais facilmente. Acrescenta Wallon (1975, p. 262):

[...] meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada

por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu interagir.

Quando se fala em aprendizagem é muito importante que se observe como o estudante concebe esse tipo de aprendizagem na sala de aula. É importante destacar ainda a influência da dimensão emocional nesse contexto. Segundo Paín (1992, p.28): “um sintoma, no sentido de que o não-aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação”. E conclui: “nenhum fator é determinante de seu surgimento, pois os problemas de aprendizagem surgem da fratura contemporânea de uma série de concomitantes”.

Portanto, a dificuldade de aprendizagem é uma resposta temporária do indivíduo que está sendo ensinado e da maneira como o assunto é apresentado. O “olhar do professor” é sempre crucial, pois ele orienta a mudança da abordagem metodológica e dos métodos utilizados para envolver o estudante no processo de aprendizagem. O objetivo é estabelecer uma conexão respeitosa entre ambos ao mesmo tempo em que promove aquisição de conhecimento e autonomia.

Alicia Fernández (1991, p.47 e 52), enfatiza que: “para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”. Com isso, percebe-se a importância de estabelecer confiança para que os estudantes possam adquirir conhecimento. No entanto, é necessário identificar e intervir no processo educacional dos estudantes com dificuldades de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação da informação diz respeito à ideia de “memória”, onde é possível observar a obtenção do conhecimento e sua manutenção. A antecipação envolve a criação de reflexos condicionados e o desenvolvimento de comportamentos instrumentais, que surgem como resultado da interação com o mundo real. Essa interação é guiada pela lógica dos esquemas criados através do processo de diferenciação das informações relevantes para essas atividades,

adaptando-se às demandas pelo ambiente em questão. A dimensão cognitiva do processo de aprendizagem.

As teorias expandiram a compreensão do processo de aprendizagem e como ele ocorre. Isso permitiu que o educador pudesse interagir com o mundo dos estudantes, permitindo que eles fossem agentes ativos na construção de seus próprios conceitos, quando se mobilizam e se envolvem com as informações, pois foi percebido que quando a informação entra em contato com as experiências vividas no cotidiano, ganha maior significado e permite que o aprendente faça uso destas informações, transformem em conhecimentos e agreguem a resolução da vida cotidiana.

No passado recente, o sistema educacional era uniforme e não levava em consideração as particularidades individuais dos estudantes, da maneira de aprender e de como poderia utilizar desta aprendizagem para facilitar a sua vida. Contudo, atualmente, é reconhecido como fundamental ter uma abordagem mais personalizada para cada estudante identificando suas dificuldades a fim de facilitar seu acesso ao conhecimento promovendo assim um ambiente acolhedor que favoreça sua aprendizagem, dando maior sentido em aprender.

Até porque a escola começa a questionar a funcionabilidade de aprender para que? Com quem? Como? Onde? E estas perguntas cabem a todos os que formam a educação, pois a aprendizagem não é algo restrito ao estudante/aluno/aprendente. Em um ambiente que todos aprendem é desafiador e provoca aos sujeitos envolvidos inquietações que partem para dar real sentido ao aprende, trazendo à tona o que se torna em aprendizagem com significado, com sentido.

É possível perceber que a aprendizagem consiste na aquisição de conhecimentos que uma criança começa a adquirir desde o período gestacional. Na escola, trata-se do desejo intrínseco da criança em aprender algo novo através de seus próprios interesses e motivações pessoais. É fundamental destacar que cada indivíduo possui um conjunto único de conhecimentos familiares e culturais que precisam ser valorizados pelo educador. Desta forma, a aprendizagem é construída colaborativamente entre estudante, professor e ambiente ao seu redor para criar novas formas de compreensão do mundo à sua volta.

Sendo muito importante e indispensável que haja uma reflexão no cenário educacional sobre questões que parecem ser óbvias, contudo, não são (na maioria das vezes) levadas em consideração. A sociedade educacional clama por significado, contextualização, sentido em estar em uma Unidade Educacional

por 4 (quatro), 6 (seis) horas ou de maneira em tempo integral sem saber a razão pela qual se está neste ambiente, que em muitos casos, tornam-se sem sentido para os que ministram aulas e para os que assistem.

No entanto, apenas após a proposição de se refletir em torno do sentido de como se aprende? com quem se aprende? para quem se aprende? Como utilizar o que foi aprendido? E como saber se aprendeu? É que se pode dizer que os caminhos para uma aprendizagem com sentido começa a fazer diferença. Mesmo sendo um assunto que necessita de muito dialogo e que sempre deixa interrogações sobre o uso de metodologias, teorias, concepções, comportamentos e outras variantes que podem facilitar ou dificultar o aprender.

É imprescindível que haja sempre espaço para essa pauta nos espaços educacionais, sendo um assunto de emergência, não se pode realizar uma educação contextualizada, significativa se os atores envolvidos não tiverem a pré-disposição para dialogar sobre os meios de tornar essa prática em ações transformadoras, em que todos aprendem e todos ensinam e que a importância de se levar essa postura ética para a vida, torna a escola um lugar realmente que faz a diferença, pois, se consegue dialogar sobre suas crenças e modifica para melhor atender o estudante, essa escola sim, faz todo o sentido de existir.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D. P. (2000). **The acquisition and retention of knowledge: A cognitive view**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. A tradução portuguesa está publicada pela Plátano Editora (2002).
- BECHARA, E. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora nova Fronteira, 2011.
- BRUNER, J. **Uma nova teoria da aprendizagem**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bloch, 1973.
- BRUNER, J. **O processo da educação**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Artes Médicas - Porto Alegre, 1991.
- FREINET. C. **Uma escola ativa e cooperativa**. São Paulo. 2002. Disponível em <http://www.novaescola.abril.com.br>. Acesso em 16 Jul. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; PAPERT, S. **O futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.

MOREIRA, M. A. (1999). **Teorias de aprendizagem**. Editora pedagógica e universitária.

MOREIRA, M.A. (1995). Monografia n.10 da série **Enfoques Teóricos**. Porto Alegre. Instituto de Física da UFRGS. Originalmente divulgada, em 1980, na serie “Melhoria do Ensino”, do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior (PADES)/ UFRGS, N. 15. Publicada, em 1985, no livro “Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos”, São Paulo, Editora Moraes, p. 61-73. Revisada em 1995.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1992.

PIAGET, J. **A Teoria de Piaget**. In: CARMICHAEL, L. Psicologia da Criança: Desenvolvimento Cognitivo. São Paulo: E.P.U, v. 4, 1975.

PIAGET, J. Para onde vai a educação. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977/2000.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.

TEOTONIA, J. Desafios Da Formação Docente – **A construção da autonomia e da democracia para o desenvolvimento de Comunidades de Aprendizagem**. 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Hh0whEi-w30md7wLiDq-0CxBKi5D2Virz/view>. Acesso em: 22 Jun. 2024.

TEOTONIA, J. **Escola Projeto Âncora**: Uma ponte para a Inovação Pedagógica no Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de

Ciências Sociais, Universidade da Madeira, Funchal. Disponível em: [https://digituma.uma.pt/browse?type=author&value=Silva%2C+Josineide+Teotonia+ da](https://digituma.uma.pt/browse?type=author&value=Silva%2C+Josineide+Teotonia+da). Acesso em: 24 Mar. 2024.

TEOTONIA, J. **Escola Projeto Âncora**: uma ponte para inovação pedagógica no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984/1988.

WALLON, H. **Psicologia da Educação e da Infância**. Lisboa, Portugal: Ed. Estampa, 1975.

WATSON, J. B. **Behaviorism**. Nova Iorque/Londres: W.W. Norton & Company. Publicado originalmente em 1930 (edição modificada da original em 1924), 1970.

WEISS, M. L. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.